

REVISTA DA BIBLIOTECA MÁRIO DE ANDRADE



biblioteca
mário de andrade
edições

BIBLIOTECA
MÁRIO
DE ANDRADE


PREFEITURA DE
SÃO PAULO
CULTURA

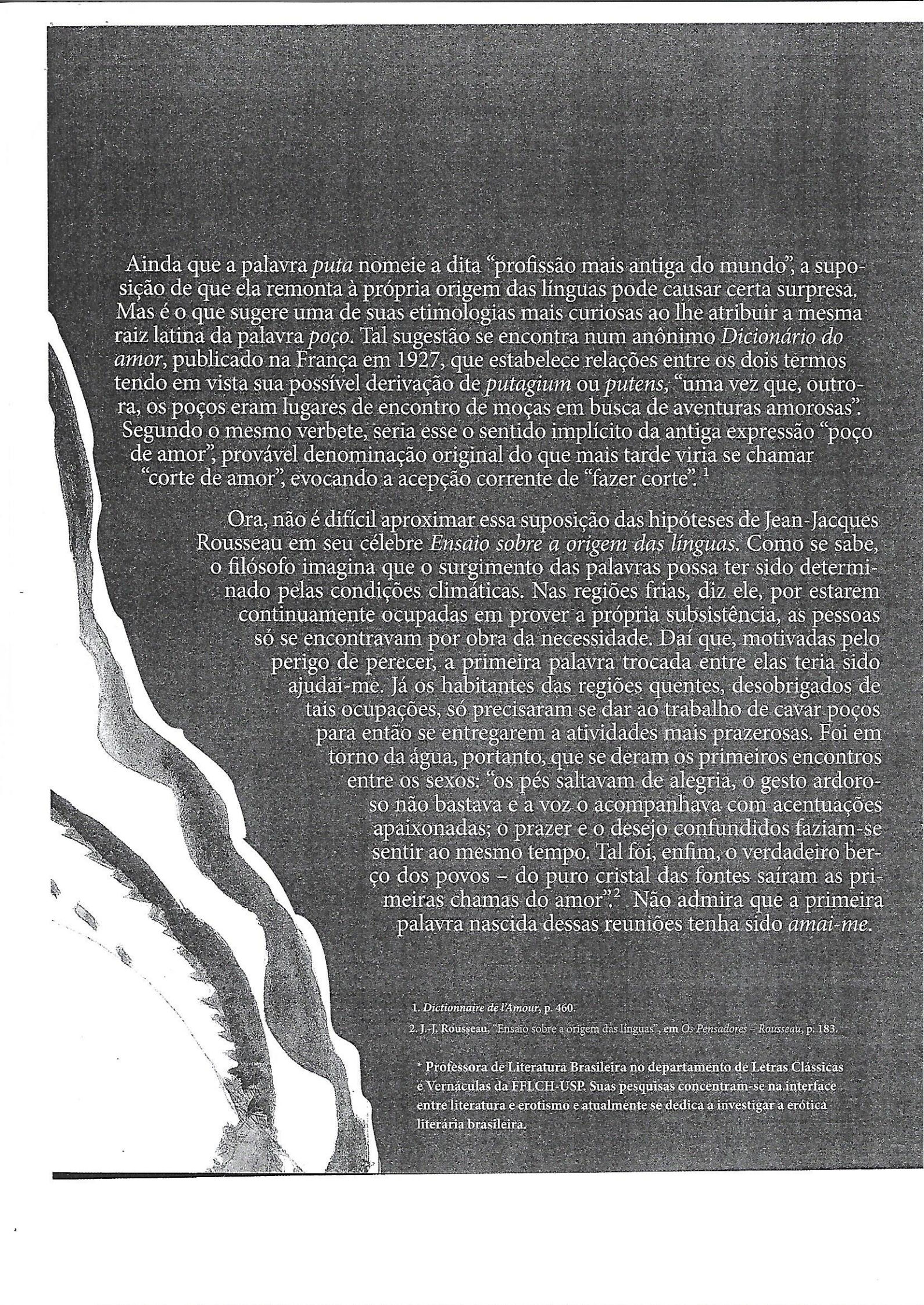
Ano V.69, p. 38-49, nov. 2013



Putá, putus, putida

*Devaneios etimológicos em torno
da prostituta*

*Eliane Robert Moraes**



Ainda que a palavra *puta* nomeie a dita “profissão mais antiga do mundo”, a suposição de que ela remonta à própria origem das línguas pode causar certa surpresa. Mas é o que sugere uma de suas etimologias mais curiosas ao lhe atribuir a mesma raiz latina da palavra *poço*. Tal sugestão se encontra num anônimo *Dicionário do amor*, publicado na França em 1927, que estabelece relações entre os dois termos tendo em vista sua possível derivação de *putagium* ou *putens*, “uma vez que, outrora, os poços eram lugares de encontro de moças em busca de aventuras amorosas”. Segundo o mesmo verbete, seria esse o sentido implícito da antiga expressão “poço de amor”, provável denominação original do que mais tarde viria se chamar “corte de amor”, evocando a acepção corrente de “fazer corte”.¹

Ora, não é difícil aproximar essa suposição das hipóteses de Jean-Jacques Rousseau em seu célebre *Ensaio sobre a origem das línguas*. Como se sabe, o filósofo imagina que o surgimento das palavras possa ter sido determinado pelas condições climáticas. Nas regiões frias, diz ele, por estarem continuamente ocupadas em prover a própria subsistência, as pessoas só se encontravam por obra da necessidade. Daí que, motivadas pelo perigo de perecer, a primeira palavra trocada entre elas teria sido *ajudai-me*. Já os habitantes das regiões quentes, desobrigados de tais ocupações, só precisaram se dar ao trabalho de cavar poços para então se entregarem a atividades mais prazerosas. Foi em torno da água, portanto, que se deram os primeiros encontros entre os sexos: “os pés saltavam de alegria, o gesto ardoroso não bastava e a voz o acompanhava com acentuações apaixonadas; o prazer e o desejo confundidos faziam-se sentir ao mesmo tempo. Tal foi, enfim, o verdadeiro berço dos povos – do puro cristal das fontes saíram as primeiras chamas do amor”.² Não admira que a primeira palavra nascida dessas reuniões tenha sido *amai-me*.

1. *Dictionnaire de l'Amour*, p. 460.

2. J.-J. Rousseau, “Ensaio sobre a origem das línguas”, em *Os Pensadores - Rousseau*, p. 183.

* Professora de Literatura Brasileira no departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da FFLCH-USP. Suas pesquisas concentram-se na interface entre literatura e erotismo e atualmente se dedica a investigar a erótica literária brasileira.

É digno de nota que a imagem do poço tenha sido reiterada como lugar emblemático da atividade amorosa, abarcando tanto a concepção naturalista de um Rousseau quanto a imaginação perversa que costuma envolver o amor venal. Desnecessário lembrar que a palavra realmente evoca toda uma simbologia passível de se associar à prostituição, acionando termos que passam ora pela concretude de um buraco escuro ou do dinheiro que nele se joga, ora pelas incógnitas que recobrem a ideia de verdade, de segredo, de inferno ou de abismo, quase sempre a realçar sua insondável profundidade. Não estranha que seja do fundo obscuro da língua, onde se testemunha o encontro fortuito entre o poço e a prostituta, que venham brotar outras etimologias improváveis que não cessam de interrogar a palavra *puta*. Trata-se, aqui, de refletir sobre tais etimologias, mas sem qualquer pretensão de observar o rigor típico dos filólogos ou dos linguistas. Pelo contrário: o rigor que se almeja no espaço dessa reflexão, também fecundo nos estudos literários, é o da fantasia. Por tal razão, vale dizer que interessam ao argumento tanto as etimologias consideradas pertinentes quanto aquelas que se revelam puro fruto da imaginação. No limite, pouco importa se participam de uma ou de outra categoria, pois é na condição de “devaneios etimológicos” que elas são convocadas no interior deste texto.

A etimologia, segundo a bela definição de Curtius, é um modo de pensar e, como tal, supõe infinitos modos de imaginar. O intento de investigar algumas das formas como a prostituta é fabulada no mundo latino, inspirado na concepção do filólogo alemão, supõe o caminho por ele indicado, que vai da “denominação para o ser” ou, se quisermos, “dos *verba* para as *res*”. Ora, se tal caminho conduz à “origem (*origo*) e à força (*vis*) das coisas”, como propõe o autor, ele realmente pode ser valioso quando se aborda a singularidade dos *erotica verba*, já que se trata de um vocabulário referido, como nenhum outro, à força motriz (*vis motrix*) do corpo.³ Vejamos, então, que origens são atribuídas a uma denominação de origem tão incógnita.

3. E. R. Curtius, “Etimologia como forma de pensar”, em *Literatura europeia e Idade Média latina*, p. 533.

4. Cf. J.-M. Goulemot, *Ces livres qu'on ne lit que d'une main*, p. 13.

5. A. Rey (org.), *Dictionnaire historique de la langue française*, p. 1674.

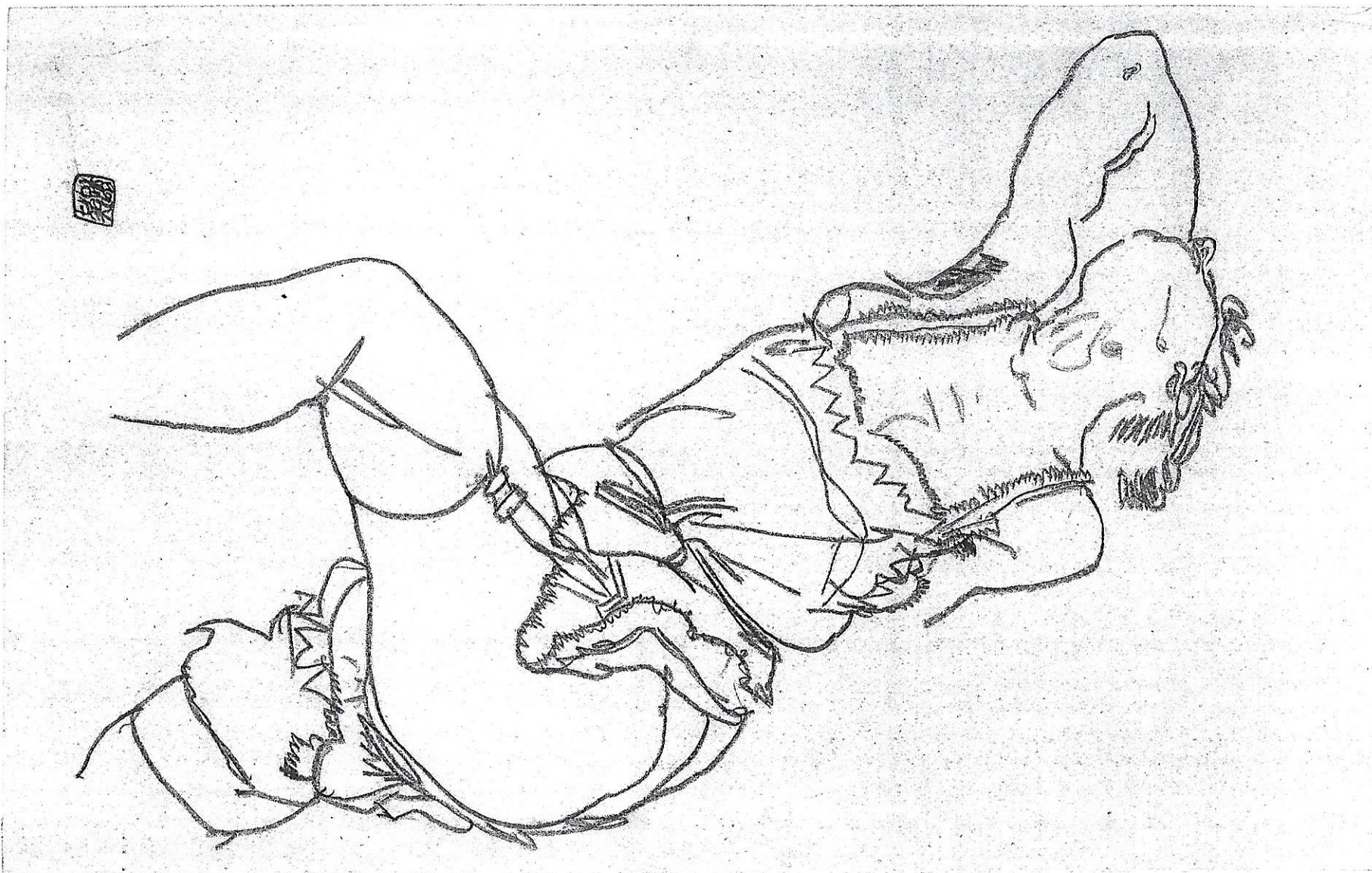
Putida: parte maldita

A palavra *puta* revela um extraordinário poder de permanência no imaginário sexual latino, sobretudo se levarmos em consideração que o léxico erótico vive em perpétua expansão, comportando transformações, evoluções ou desaparecimentos ao longo de sua história.⁴ Não só ela se mantém como o principal significante chulo de prostituta, como está na origem de uma série lexical que constitui numerosa e viva família, passando por putaria, puteiro, *putaina*, *putame*, putanheiro, putona etc., para citar só alguns exemplos do domínio português. Na verdade, ela fornece a base a partir da qual as outras línguas latinas criaram os significantes *putta* (italiano), *pute* (francês) ou *putaça* (espanhol), esses igualmente comportando inúmeras variações que se multiplicam segundo o contexto geográfico e histórico. Contudo, ainda que o sentido da palavra pareça inequívoco, sua origem é bastante obscura, implicando uma grande variedade de possibilidades.

Uma das etimologias mais frequentes associa a meretriz à sujeira. A edição histórica do dicionário *Robert*, por exemplo, ao examinar a palavra francesa *putain*, que remonta ao século XII, assinala que ela deriva do:

[...] antigo francês *put*, *pute*, adjetivo corrente até o século XV no sentido de “fedorento, sujo”, ao lado de *ordorde*. A palavra se origina (1080) do latim *putidus*, “podre, estragado, fedorento, fétido” e moralmente “que se revela afetado” derivado de *putere*, “apodrecer, estragar”. [...] *Put*, *pute*, propriamente “fedorento”, tomou desde os primeiros textos o sentido figurado de “sujo, mau, vil, odioso, maldoso”, aplicando-se particularmente à mulher lasciva e pervertida.⁵

Reclining Model in Chemise and Stockings, Egon Schiele, 1917. Carvão sobre papel. 46.4 x 29.8 cm. Acervo da BMA



6. P. Guiraud, *Dictionnaire érotique*, p. 528. Para essa mesma etimologia ver ainda C. Bernheimer, "Prostitution in the Novel", em D. Hollier (ed.), *A New History of French Literature*, Cambridge Harvard University Press, 1994, p. 780.

7. *Idem, ibidem*, p. 96.

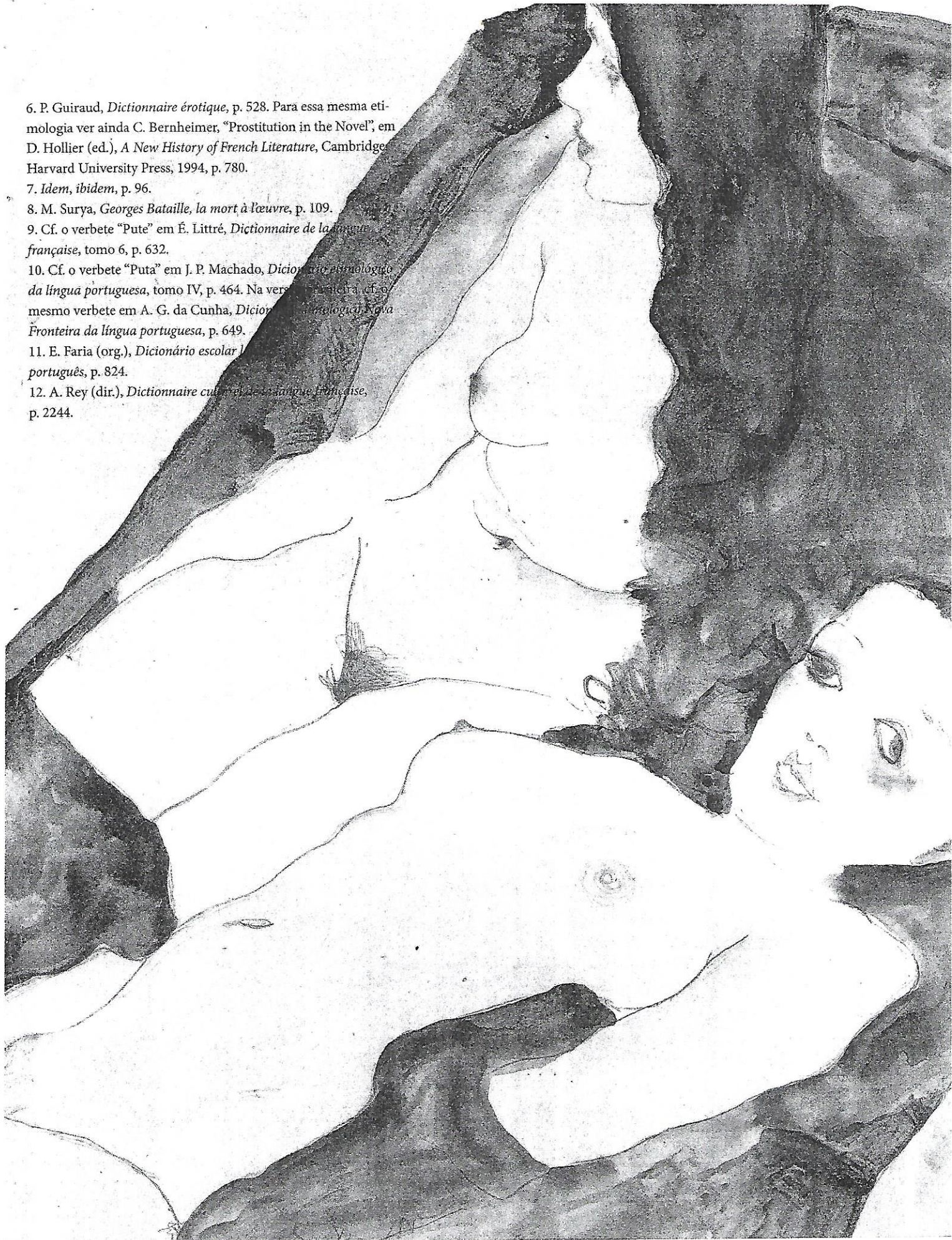
8. M. Surya, *Georges Bataille, la mort à l'œuvre*, p. 109.

9. Cf. o verbete "Pute" em É. Littré, *Dictionnaire de la langue française*, tomo 6, p. 632.

10. Cf. o verbete "Putá" em J. P. Machado, *Dicionário etimológico da língua portuguesa*, tomo IV, p. 464. Na versão brasileira, cf. o mesmo verbete em A. G. da Cunha, *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*, p. 649.

11. E. Faria (org.), *Dicionário escolar da língua portuguesa*, p. 824.

12. A. Rey (dir.), *Dictionnaire culturel de la langue française*, p. 2244.



Semelhante trilha é explorada por Pierre Guiraud, que a sintetiza em seu *Dictionnaire Érotique*, ao propor que: “A palavra *pute* vem do latim *putida*, ‘fedorento’. É um aspecto semântico fundamental do francês que trata a prostituta como um ‘lixo’ e um objeto de nojo”.⁶ A suposição coincide com um estigma antigo que envolve o *métier* e concebe essa mulher como “um lixo fedorento”. Segundo o linguista, tal concepção se organiza em torno de certos núcleos temáticos que se comunicam entre si, cada qual compondo um léxico próprio, nos quais se reconhecem três grandes famílias semânticas: na primeira, a ênfase recai sobre a associação com o “lixo”; na segunda, as figuras evocadas reiteram a ideia de um “velho trapo”; e, na terceira, a personagem ganha atributos de “vagabunda”, sendo não raro identificada como a mulher do “mendigo profissional”, que representa a classe mais baixa da sociedade.⁷

Escusado lembrar que a sujeira é por excelência um objeto de recalque e, como tal, não cessa de demandar sentidos. O notável empenho humano para que ela entre numa cadeia simbólica já foi insistentemente sublinhado por Freud e por seus seguidores, sem falar dos diversos textos literários que, antes mesmo da psicanálise, ocuparam-se da questão. No mais das vezes, a sujeira se apresenta como um excedente, demarcando o que fica às margens do social, do mundano, do normal. Como ensina a antropologia, pelo menos desde Marcel Mauss, qualquer afirmação de identidade coletiva implica a exclusão dos aspectos considerados impuros, não obstante o fato de eles também contribuírem, à sua maneira, para reforçar a coesão da coletividade.

Leitor atento das teses antropológicas, Georges Bataille tomou-as como ponto de partida para formular sua dialética do erotismo que, ao voltar particular atenção aos polos do proibido e da transgressão, confere um estatuto exemplar à figura da prostituta. Não são poucas as passagens da sua obra que interrogam o amor venal, percorrendo, desde seus sentidos sagrados até os mais degradados, mas sempre supondo ali um tipo exclusivo de prazer “ao qual ninguém acede sem antes se rebaixar a tudo aquilo que esses lugares e os seus hábitos têm de escuso, de feio e de imundo”.⁸ Palavras que, de algum modo, conectam-se com a suposição etimológica que faz *puta* derivar de *putida*, autorizando-nos a precipitar a meretriz na condição irrevogável de “parte maldita” tal como a concebe o autor de *L’Érotisme*.

Putus: puríssimo

Ainda que as aproximações com as teses bataillianas possam reforçar as bases dessa etimologia, convém dizer que seu sentido não é, de forma alguma, hegemônico. O *Littré*, por exemplo, o recusa expressamente, terminando o verbete *Pute* com a observação de que ele não implica qualquer sentido negativo nem tem “qualquer relação com o antigo adjetivo *put*, que vem de *putidus* e significa feio, mau, desonesto”. Não surpreende que o dicionário francês vá buscar outra fonte para a palavra, que remete ao termo homônimo em latim, originalmente sem qualquer sugestão sexual. É o que se lê na definição sintética do mesmo verbete: “do latim *puta*, menina, *putus*, menino”, no qual se acrescenta ainda que os termos “em italiano *putta*, em português *puta*, foram muitas vezes usados com boa aceção; e o mais antigo exemplo histórico da palavra *putain* não significa nada mais que uma jovem empregada doméstica”.⁹

Tal sugestão é revalidada por diversos dicionários etimológicos da língua portuguesa, que não raro mantêm a remissão do vocábulo à sua origem latina, como se pode ler neste verbete lusitano de *Putá*: “Trata-se, segundo parece, do feminino de *puto*, que, por sua vez, provém do latim *puttu*, de *putus*, com germinação consonântica expressiva, ‘rapazinho’, que existia ao lado de *potus*. A extensão românica das formas femininas leva a pressupor igualmente em latim uma forma *putta*”. Semelhante definição se encontra em dicionários etimológicos brasileiros, o que vem corroborar a ideia de “boa aceção” da palavra, conforme defendida pelo *Littré*.¹⁰

Como que radicalizando essa vertente mais asséptica, outros compêndios da língua portuguesa ainda acrescentam que, como adjetivo, *putus* quer dizer: “puro, purificado, limpo, cuidado”, ou mesmo, no plano figurado, “puro, brilhante”.¹¹ Definição que figura na edição cultural do francês *Le Robert*, reiterando o sentido do polêmico vocábulo ao citar uma passagem do dicionarista Antoine Furetière que, em 1690, afirmava o seguinte: “É digno de nota que os antigos Franceses tenham feito derivar, por antífrase ou contradição de sentido, a palavra *putain* do latim *putus*, que significa puro”.¹²

Também nesse caso, mais que tudo, a suposição é boa para pensar. A começar pelo fato de que a associação entre a criança e o amor venal parece não se restringir ao domínio linguístico, sendo mencionada em diversos estudos históricos sobre o mundo latino na Antiguidade. Vale citar, apenas a título de exemplo, duas fontes históricas.

Observa Aline Rousselle que, na Roma antiga, “a mulher é por vezes uma criança”, o que presume antes de tudo a equivalência jurídica entre uma e outra. Não se trata, porém, de uma afirmação que implica toda mulher, mas exclusivamente aquela que, tendo se tornado uma concubina de fato, ainda não tem idade suficiente para sê-lo de direito. Segundo a historiadora, essa condição diz respeito a grande parte das meninas, que eram efetivamente oferecidas aos amantes bem antes de completar 12 anos.¹³ Ocorre o mesmo com o menino, o *puto* ao qual se remetem as etimologias, não raro encarnado na figura do *puer delicatus*, o escravo jovem que servia à volúpia do homem adulto na Roma antiga e cuja idade, segundo os estudiosos, por vezes não chegava aos 5 anos completos.¹⁴ É de supor que, em ambos os casos, a palavra original que designava a criança pudesse ter um uso ambíguo, contemplando um deslizamento de sentido. Todavia, embora esses dados sejam sugestivos, quando se interroga as nascentes de uma língua, a prudência nos obriga a tomá-los tão somente como especulações históricas.¹⁵

Cumprido sublinhar, portanto, que a aproximação entre prostituição e infância é matéria delicada, não só pelas implicações éticas que vem ganhando particular atenção na atualidade, mas também porque os dois termos estão sujeitos a inflexões muito diversas no espaço e no tempo. Ou seja, da mesma maneira como a criança não pode ser reduzida à imagem da inocência que, como bem mostrou Phillipe Ariès, tornou-se hegemônica a partir da ascensão da burguesia, tampouco a figura da prostituta pode ser enclausurada num só significado. Da “mulher de vida fácil” à “cortesã”, da “rameira” à “cocote”, da “vadia” à “mesalina”, a *puta* foi e continua sendo objeto de tantos avatares quantos são os nomes pelos quais ela atende.

Feita tal ressalva, não deixa de surpreender a recorrência do encontro entre a prostituta e a criança no plano linguístico. Convém recordar que, na França, a palavra *fille*, menina,

teve destino semelhante ao de *puta*, sendo um dos termos mais repetidos no léxico em torno do amor venal, pelo menos a partir do século XII. Pierre Guiraud cita dezenas de denominações do gênero que se rotinizaram no país em diferentes épocas, valendo-se do vocábulo para criar uma infinidade de termos – tais como *fille de joie*, *fille de maison*, *fille de nuit*, *fille perdue*, *fille publique*, entre outros. Recordando ainda o dicionarista que o sentido principal – sendo o de *fille* ou, por sinonímia, *jeune fille* – abre toda uma cadeia associativa que emprega palavras afins como *demoiselle* (senhorita), *nymphe* (ninfã), *poupée* (boneca) ou *sœur* (irmã), para citar apenas algumas delas.¹⁶

Em língua portuguesa, seu equivalente pode ser encontrado na usual rapariga ou nas diversas expressões lusitanas que se valem da palavra menina para fazer referência ao universo dos bordéis tais como: casa de meninas, ir às meninas ou meninas à sala!¹⁷ A esses poderiam ser acrescentados os termos criados em torno da garota, que são mais correntes no Brasil, como é o caso de garota da casa, garota de viração ou garota de programa, entre outros. Além disso, a exemplo do que ocorre no âmbito francês, a linguagem popular brasileira em torno da personagem também expõe um sentido, se não infantil, ao menos juvenil, como se evidencia em moça, prima, donzela ou mesmo em andorinha, camélia e mariposa, que exalam algo de inocente e virginal.¹⁸

Vale perguntar, uma vez mais, como se encadeiam os termos dessa evolução semântica, que funciona como uma espécie de máquina de degradação moral da menina, quase sempre operando por meio da perversão de seu sentido original. Com efeito, de tal forma este se associa à pureza que, no verbete *Putas* de seu estudo sobre a *Linguagem médica popular no Brasil*, de 1936, Fernando São Paulo chega a afirmar que “Inútil foi a ponderação das autoridades em Filologia, que clamaram contra a impropriedade do termo, considerado seu *étymo*, lembrando o formoso sentido que a princípio se lhe concedia: moça puríssima. Triunfou o desvirtuamento”. Para confirmá-lo, o autor recorre a um compêndio português do século XVIII, que insiste na mesma tecla: “tal foi a corrupção da palavra, *puta*, que sendo vocábulo honestíssimo, que quer dizer moça puríssima e limpa, por encobrir a fealdade do vocábulo de meretriz, ou outro tão feio, vieram a infamar aquele nome, chamando *puta* a mulher que está posta no ganho e putaria o lugar onde ganha”.¹⁹



13. A. Rousselle, *Pornéia - Sexualidade e amor no mundo antigo*, p. 111.

14. F. Dupont e T. Éloi, *L'Érotisme masculin dans la Rome antique*, pp. 243-250.

15. Como bem sugere Alain Corbin, "em matéria sexual, a medida dos fenômenos depende mais do grau de percepção e dos fantasmas dos observadores de que da realidade dos fatos" (*Les filles de noce - misère et prostitution au XIX^e siècle*, p. 300).

16. P. Guiraud, *op. cit.*, p. 335 e 96.

17. Cf. C. P. Santos e O. Neves, *Dicionário obsceno da língua portuguesa*, pp. 97-98.

18. Cf. H. de Almeida, *Dicionário de termos eróticos e afins*, p. 139 e 176.

19. F. São Paulo, *Linguagem médica popular no Brasil*, pp. 284-285.

20. Cf. P. Guiraud, *op. cit.*, p. 96.

Em que pesem eventuais exageros, o que fica evidente nessa série de etimologias é a passagem de um sentido no mínimo neutro, senão realmente puro, a outro decididamente perverso. Trata-se da perversão da menina realizada no corpo da língua, o que remete a um imaginário recorrente na erótica literária, que tem variantes exemplares na corrupção da jovem Eugénie em *La philosophie dans le boudoir*, de Sade, na sedução da ninfeta em *Lolita*, de Nabokov, ou na depravação da protagonista infantil do *Caderno rosa de Lori Lamby*, de Hilda Hilst.

Na França, a versão mais ostensiva dessa operação linguística talvez seja dada pela expressão corrente *filles des rues* que supõe o deslizamento semântico da criança para a sujeira, e sua transferência da casa para a rua – ou, se quisermos, do lar para a sarjeta –, fazendo convergir as duas etimologias. Aí também é possível identificar toda uma cadeia semântica associativa que reforça a ideia de uma menina referida à imundice, à porcária, à escória.²⁰ Importa notar que, ao invés de atenuar a sujeira, a presença da infância parece acentuá-la ainda mais.

Tudo ocorre, portanto, como se os devaneios etimológicos em torno da prostituta variassem à exaustão entre os polos da infância pura e da sujeira fétida até o ponto de reunirem essas forças opostas em uma única expressão. Um bom exemplo desse tipo de operação simbólica é contemplado na palavra composta flor-do-lodo, que qualifica a meretriz em certas regiões brasileiras. Para além de uma simples reunião de contrários, o que tais termos supõem é uma espécie de "sujeira pura", imaculada, não corrompida pelas regras da civilização que impõem a obrigatoriedade social da limpeza, seja ela física ou moral. Por tal razão, essas expressões terminam por expor justamente aquela zona de poder e perigo que, segundo o ensaio seminal da antropóloga Mary Douglas, demarca a fronteira entre o puro e o impuro ao mesmo tempo que revela o ponto que os une.

A deusa Puta

Não por acaso, na outra ponta da cadeia semântica aqui analisada, pode-se encontrar uma etimologia que propõe o sentido inverso e complementar suposto na menina impura. Trata-se, nesse caso, de uma sugestão efetivamente

literária, já que apresentada por Hilda Hilst em seu livro de crônicas *Cascos e carícias*, de 1998, em que se lê: “Não sei se vocês sabem, mas ‘Putá’ foi uma grande deusa da mitologia grega. Vem do verbo ‘putare’, que quer dizer podar, pôr em ordem, pensar. Era a deusa que presidia à podadura. Só depois é que a palavra degingolou na propriamente dita, e em ‘deputado’, ‘putativo’ e etc.”²¹

O humor ferino da autora a leva, por distintos caminhos, a conclusões semelhantes às dos linguistas que denunciam o desvirtuamento da palavra. Porém, diversamente do que pode se imaginar, sua sugestão não é de todo infundada, e por mais de uma razão. A primeira delas remete a outra etimologia, nesse caso a do adjetivo *Putativo* citado por Hilst, que é assim definido pela edição histórica do *Robert*: “derivado do latim medieval jurídico *putativus* que, já no baixo latim, significa ‘imaginário’. Tem origem em *putare* no sentido abstrato de ‘contar, calcular’, de onde vem ‘pensar’, palavra que só entrou no francês por meio de seus derivados”. Assim, segundo essa definição, antes

de ter se tornado um termo específico do direito, o adjetivo que a escritora pretende derivar de puta teria realmente desfrutado maiores afinidades com o verbo pensar.

Mais significativo, porém, é o fato de Hilda Hilst compartilhar a menção à deusa Puta com outros autores, entre os quais está Leon Battista Alberti. Em seu célebre tratado sobre a pintura, o humanista italiano faz menção às “ramagens em torno da deusa Puta” para indicar uma forma de movimento na qual “uma dobra nasce de outras dobras”, esclarecendo em nota que faz referência à “deusa que preside à poda das árvores”.²² Aqui, uma vez mais, a etimologia vem corroborar uma atribuição literária de sentido, já que, em latim, o substantivo *putamen* significa “aquilo que sai das árvores quando se podam ou aparam”; ou “ramos podados de uma árvore”.²³

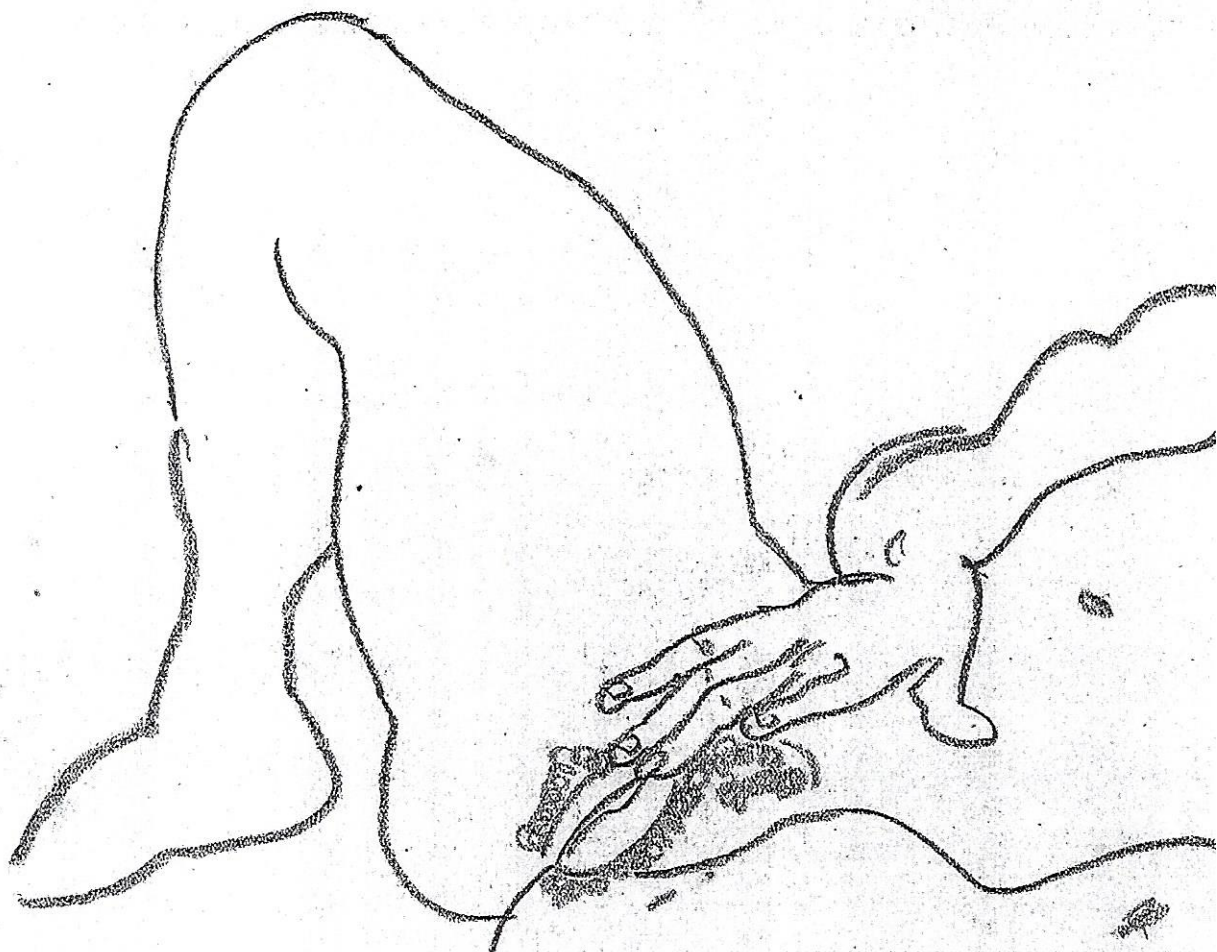
Assim, por ostentar todos esses atributos, na qualidade elevada de deusa e filósofa, a Puta da escritora brasileira

21. H. Hilst, *Cascos & carícias*, p. 138.

22. L. B. Alberti, *De la peinture*, p. 163.

23. E. Faria (org.), *op. cit.*, p. 823.

Reclining Nude, Egon Schiele, 1918. Giz sobre papel. 29.8 x 46.4 cm. Acervo BMA



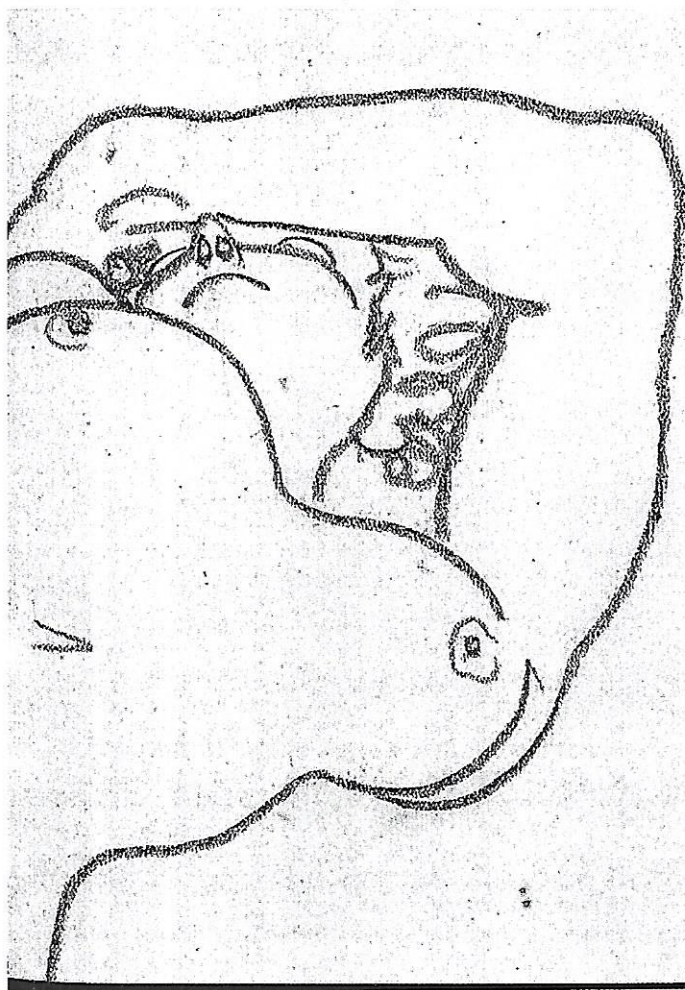
parece guardar fortes afinidades com a antiga prostituta sagrada, cujos predicados foram exaltados em inúmeros textos mitológicos e literários. Mulheres que, como sintetiza Georges Bataille, estando “em contato com o plano divino e vivendo em lugares sacrossantos, tinham um caráter sagrado similar ao dos sacerdotes”.²⁴ Obviamente, esboça-se aí uma figura que pode ser considerada como o oposto simétrico e complementar da menina impura, esta decaída ao mais baixo patamar da degradação, muito embora ambas compartilhem significativas ambiguidades de fundo.

Nunca é demais lembrar que tanto uma como a outra deixam descoberto o inconcebível ponto de toque entre a pureza e a sujeira, expondo assim a perigosa possibilidade de reversão que ameaça cada um desses polos. Não admira, pois, que as atribuições etimológicas para a palavra puta sempre tendam a descrever paradoxos, uma vez que reúnem termos opostos não só como sujeira e pureza, mas igualmente

24. G. Bataille, "L'Érotisme", em *OEuvres Complètes*, tomo x, p. 133.

25. J. M. Wisnik, "Famigerado", em *Scripta*, vol. 5, n. 10, 1º semestre de 2002, pp. 182-183.

26. J. P. Machado, *op. cit.*, p. 464.



seus desdobramentos expressivos como excesso e poda; desmedida e justa medida; alto e baixo, e assim por diante.

Tudo leva a crer que certas formas de designar a meretriz, sendo semanticamente oscilantes, caracterizam-se justamente por dizer algo e ao mesmo tempo o seu contrário, sugerindo um duplo sentido antitético no qual Freud chegou a ver uma vinculação primordial da linguagem com o inconsciente. Por flutuar e deslizar num eixo de polaridade cujo sinal sempre pode se inverter, como propõe José Miguel Wisnik sobre os palavrões que adquirem força de talismã, essas expressões remetem “ao lugar em que os significantes se dobram, deixando entrever o quanto toda significação é virtualmente equívoca”.²⁵

Prova disso está no fato de que, em diversas línguas, um dos xingamentos mais ofensivos – “puta que o pariu!” – é muitas vezes pronunciado como expressão de surpresa, deslumbramento ou admiração. Inversão expressiva que, de certo modo, repõe-se ainda na suposição de que uma exclamação tão trivial como “puxa!” seja uma corruptela de puta, implicando “um esforço eufêmico” de deformar o vocábulo, como quer a etimologia proposta por João Pedro Machado, mas também de disfarçá-lo para garantir sua permanência na língua corrente.²⁶

Objeto de inversões radicais e de desdobramentos vertiginosos, que não cessam de se repor, o significante puta parece guardar um pacto de fundo com seu referente. Pautados, ambos, pelo imperativo do excesso, eles se refletem mutuamente, como se a insaciabilidade que se reconhece no *métier* da prostituta exigisse a todo o tempo novos acréscimos de sentido e contínuas atualizações das fantasias. É o que sugerem os devaneios etimológicos em torno dessa palavra, que oscilam entre as acepções mais óbvias até as mais enigmáticas para, no limite, interrogar as fronteiras entre o dizível e o indizível.

É nessés confins que se esconde aquele poço primordial, cujo fundo obscuro guarda as nascentes das línguas. Lá, onde toda etimologia é válida e toda fantasia tem salvo-conduto. Lá, onde não se conhece o frio nem qualquer freio. Precisamente lá onde, livres de toda interdição, a menina pode se consagrar por inteiro ao sexo – e a puta, à filosofia. ○

Referências Bibliográficas

- ALBERTI, Leon Battista. *De la peinture*. Paris: A. Levy, 1868.
- ALMEIDA, Horácio de. *Dicionário de termos eróticos e afins*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.
- BATAILLE, Georges. *L'Érotisme. Oeuvres Complètes*. Tomo x. Paris: Gallimard, 1987.
- CORBIN, Alain. *Les filles de noce – misère et prostitution au XIX^e siècle*. Paris: Flammarion, 1982.
- CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- CURTIUS, Ernest Robert. “Etimologia como forma de pensar”. In: *Literatura europeia e Idade média latina*. Tradução de Teodoro Cabral. Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1979.
- DICTIONNAIRE de l'Amour, Paris: Editions Georges-Anquetil, 1927.
- DUPONT, Florence; Éloi, Thierry. *L'Érotisme masculin dans la Rome antique*. Paris: Belin, 2001.
- FARIA, Ernesto (org.). *Dicionário escolar latino português*. Rio de Janeiro: MEC, 1962.
- GOULEMOT, Jean-Marie. *Ces livres qu'on ne lit que d'une main – Lecture et lecteurs de livres pornographiques au XVIII^e siècle*. Aix-en-Provence: Alinea, 1991.
- GUIRAUD, Pierre. *Dictionnaire érotique*. Paris: Payot & Rivages, 1993.
- HILST, Hilda. *Cascos e carícias*. São Paulo: Nankin Editorial, 1998.
- LITTRÉ, Émile. *Dictionnaire de la langue française*. Tomo 6. Paris: Gallimard/Hachette, 1958.
- MACHADO, José Pedro. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Tomo iv. Lisboa: Horizonte, 1990.
- REY, Alain (dir.). *Dictionnaire culturel de la langue française*. Paris: Dictionnaires Le Robert, 2005.
- _____. (org.). *Dictionnaire historique de la langue française*. Paris: Dictionnaire Le Robert, 1995.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. “Ensaio sobre a origem das línguas”. In: *Os Pensadores – Rousseau*. Tradução de Lourdes Santos Machado. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- ROUSSELLE, Aline. *Pornéia – Sexualidade e amor no mundo antigo*. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- SANTOS, Carlos Pinto; NEVES, Orlando. *Dicionário obsceno da língua portuguesa*. Lisboa: Bicho da Noite, 1997.
- SÃO PAULO, Fernando. *Linguagem médica popular no Brasil*. Rio de Janeiro: Barreto e Cia., 1936.
- SURYA, Michel. *Georges Bataille, la mort à l'œuvre*. Paris: Gallimard, 1992.
- WISNIK, José Miguel. “O Famigerado”. *Scripta*. Belo Horizonte, vol. 5, n. 10, 1^a semestre de 2002.